



View PDF

CAPA
TÚMULO DE SÃO MARTINHO DE DUME
(desenho MDDS 1991/6167)
RUÍNAS ARQUEOLÓGICAS DE DUME

COORDENAÇÃO GERAL
Luís FONTES

DIREÇÃO CIENTÍFICA E TEXTOS
Luís FONTES

PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS
UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DO MINHO
Luís FONTES
FRANCISCO ANDRADE
EURICO MACHADO
Luís SILVA

Edição
UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DO MINHO

LOCAL
BRAGA

ANO
2018

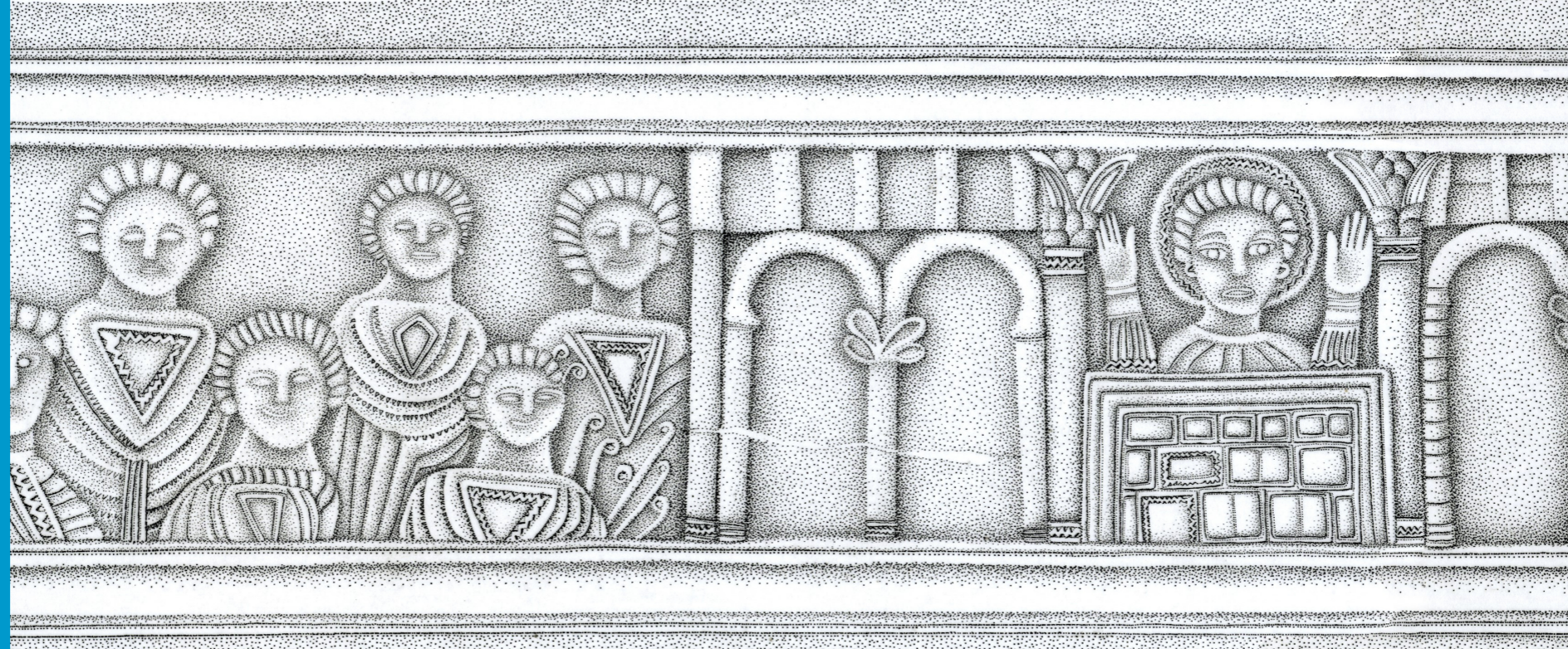
IMPRESSÃO
PUBLITO-Estúdio de ARTES GRÁFICAS

ISBN
978-972-9382-23-9

DEPÓSITO LEGAL
439608/18

© Autores / Unidade de Arqueologia da
Universidade do Minho

Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
por qualquer meio, sem autorização expressa



NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE DUME GUIA



NÚCLEO
MUSEOLÓGICO
DE DUME

O Núcleo Museológico de Dume é um equipamento cultural da União de Freguesias Real-Dume-Semelhe, composto pelo edifício que alberga o túmulo de São Martinho de Dume e pelas Ruínas Arqueológicas (basílica e mosteiro Suevo e balneário Romano), classificadas como Monumento Nacional—Decreto N.º 45/93, de 30-11.

A fruição das ruínas assentou na criação de um circuito entre o edifício que alberga o túmulo e a igreja, sob o atual adro, de modo a proporcionar uma visita às ruínas conservadas. O visitante poderá, assim, não só observar o monumento funerário, como fazer uma espécie de ‘viagem no tempo’, circulando em cave pelo adro e interior da igreja, vendo ruínas da *villa* Romana e do mosteiro e basílica Suevas.



UNIÃO de FREGUESIAS
REAL.DUME.SEMELHE

GUIA



Braga

2018

ÍNDICE

Introdução	5
Território e Povoamento	10
Séculos I-IV	14
Séculos V-VIII	16
Séculos IX-XI	18
Séculos XIII-XV	20
Séculos XVI-XVIII	22
Séculos XX-XXI	24
As Ruínas Arqueológicas	26
A villa Romana	30
O mosteiro Suevo-Visigótico	34
A basílica Suevo-Visigótico	42
O Túmulo de São Martinho	52
Bibliografia	64
Cronologia Breve	66



INTRODUÇÃO

O Sítio Arqueológico de Dume e o seu território são um dos mais completos testemunhos da matriz de povoamento que caracterizou a periferia urbana bracarense até finais do século XIX e cuja origem remonta à época romana, como testemunham os vestígios da *villa* construída nos inícios do século I, uma das mais importantes *villae* romanas dos subúrbios de Bracara Augusta.

Foi aqui, adaptando a *villa* preexistente a mosteiro, que se instalou São Martinho de Dume, pouco depois de, cerca do ano de 550, o rei Suevo Charrarico aí ter edificado uma monumental basílica cristã, consagrada a São Martinho de Tours, exemplar único no contexto peninsular, seja pelo modelo arquitetónico, seja pela sua dimensão.



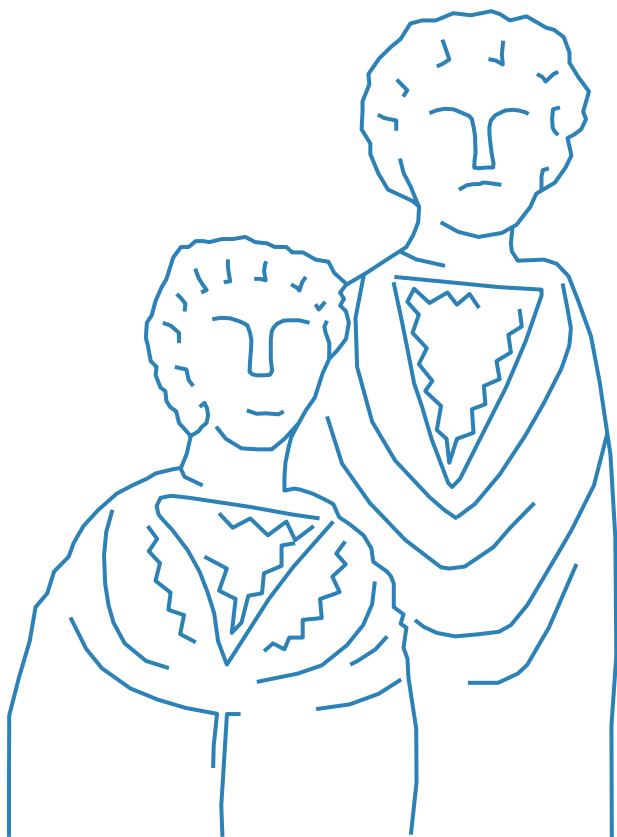
O mosteiro de Dume e o seu primeiro Bispo, São Martinho, constituem uma referência incontornável da história e da cultura do ocidente europeu, porque vinculados à emergência do Reino Suevo e à ação organizativa da Igreja Bracarense, refletindo a vitalidade sociocultural da região no decurso do século VI.

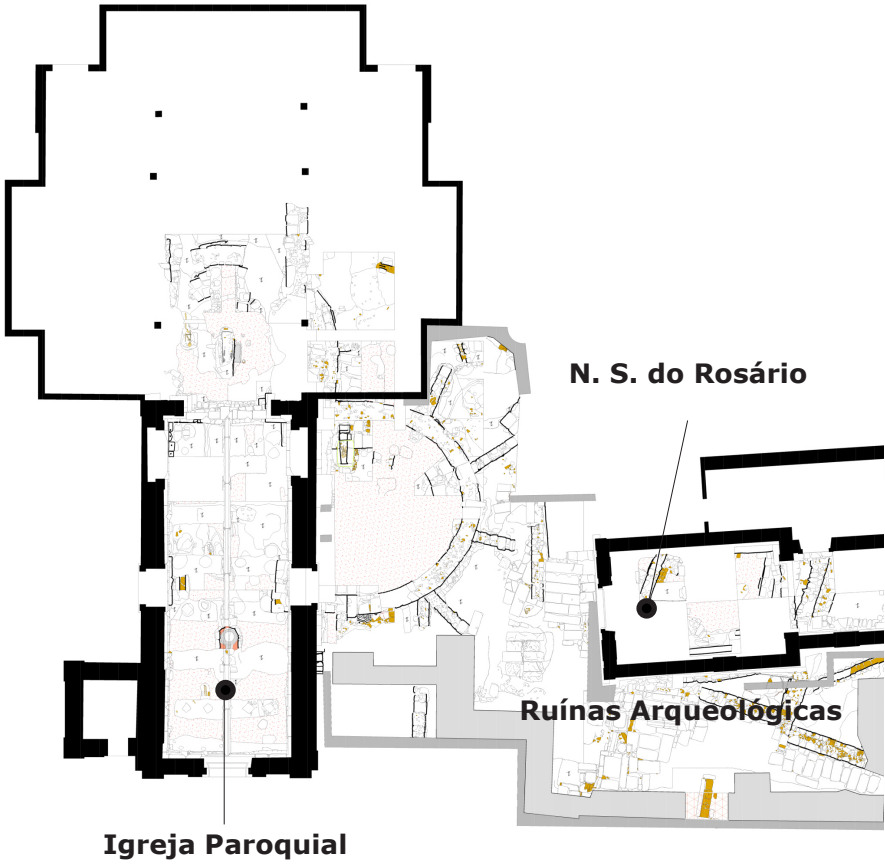
São Martinho de Dume, falecido cerca de 580, para além de promover a difusão do cristianismo na Galécia, foi o mentor e protagonista da reorganização da Igreja no Noroeste Peninsular, designadamente do desenho da nova malha territorial-administrativa que se fixa com a Divisio Theodomiri - documento vulgarmente conhecido por 'Paroquial Suevo'.

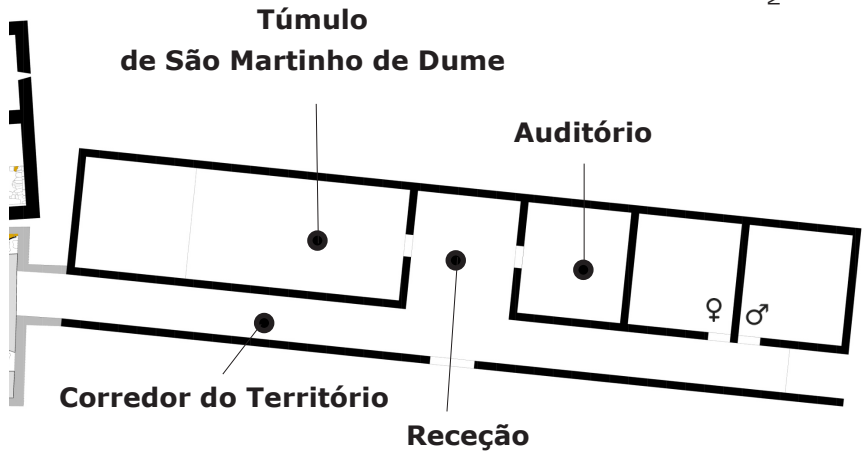
Ao centro da freguesia, sob a atual igreja paroquial e adro envolvente, marcando a sacralidade do lugar desde há mais de 1500 anos, conservam-se os restos arqueológicos da basílica e mosteiros suevos, cuja importância justificou a sua classificação como Monumento Nacional.

As ruínas arqueológicas de Dume, estudadas, conservadas, valorizadas e visitáveis através do Núcleo Museológico de Dume, que alberga também o sarcófago altomedieval de São Martinho de Dume, convocam-nos justamente para esse período fulcral da nossa história comum. Deixaram de ser 'ruínas' para se constituírem, agora, como mediadoras de conhecimento, proporcionando uma leitura histórica e arqueológica atualizada sobre o Mosteiro de Dume e do território envolvente, numa perspetiva de longa duração.

O projeto de visitação tem por base a interpretação arqueológica e histórica do sítio, proporcionada pelos estudos realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desde 1987, e assenta na criação de um circuito entre o edifício que alberga o túmulo e a igreja, sob o atual adro. O visitante poderá, assim, não só observar o monumento funerário, como fazer uma espécie de ‘viagem no tempo’, circulando em cave pelo adro e interior da igreja, vendo ruínas da *villa* romana e do mosteiro e basílica suevas.





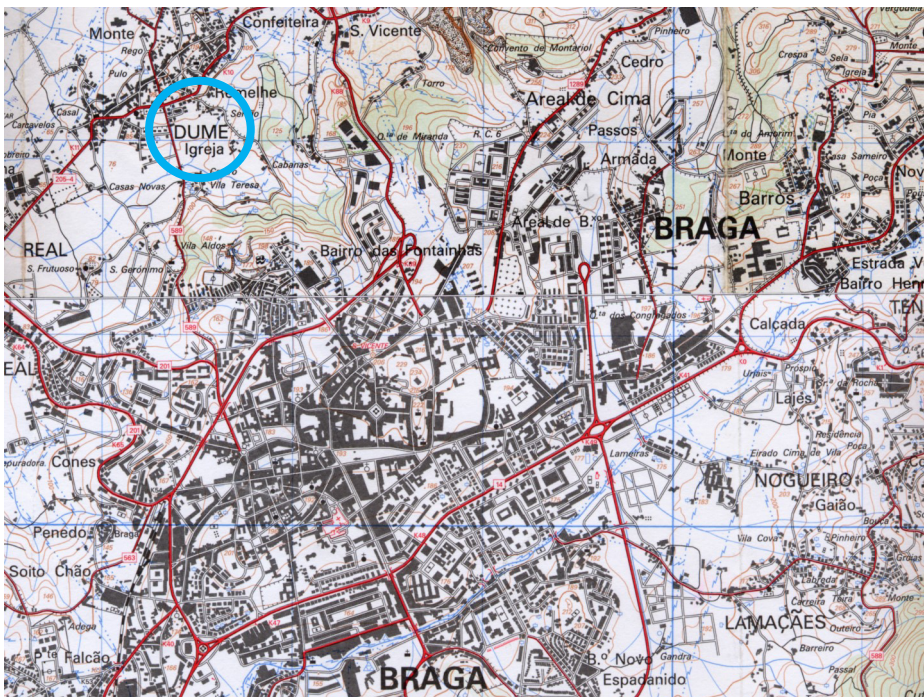
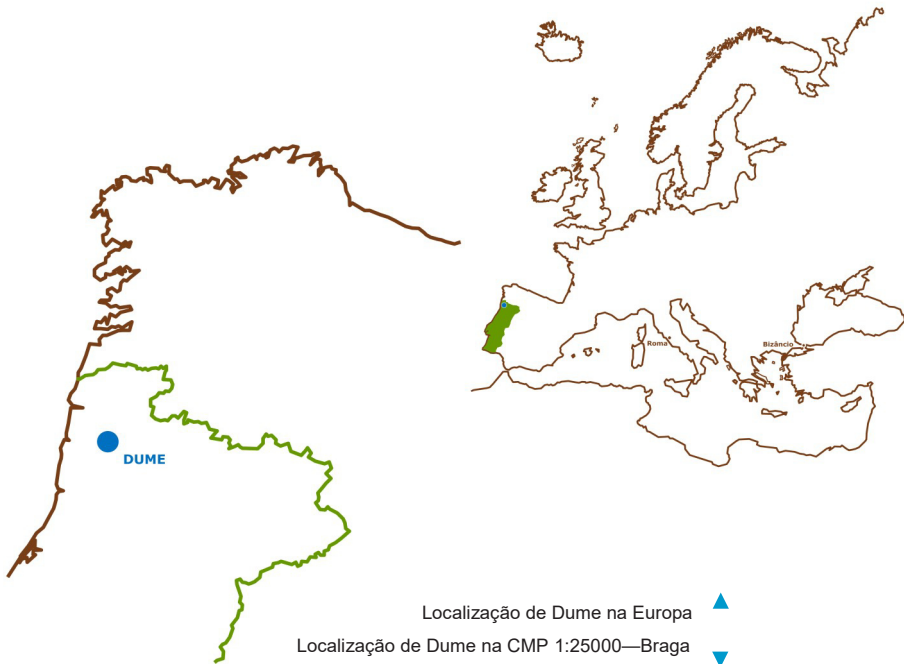


TERRITÓRIO



e POVOAMENTO





Dume (São Martinho) situa-se cerca de 2 km a Norte da cidade de Braga, na bordadura esquerda do vale do rio Cávado, ocupando uma área superior a 430 hectares de terrenos bem irrigados e com solos de elevada aptidão agrícola.

É um território de ocupação milenar, conservando um importante conjunto de monumentos arqueológicos que testemunham as diversas modalidades de ocupação ao longo do tempo, configurando-se hoje como uma paisagem cultural de grande importância para o conhecimento dos processos históricos que enformaram a evolução da cidade de Braga e da sua região.

No espaço correspondente ao atual território de Dume, os mais antigos vestígios são os povoados de Cabanas e do Monte Castro, ocupados durante as chamadas Idades do Bronze e Ferro, no decurso do 1.º milénio a.C..

Mas é ao tempo da fundação da cidade romana de Bracara Augusta, nos últimos anos antes de Cristo, que se reconhece a estruturação de um povoamento ordenado pelo centro urbano, a qual vai perdurar até à contemporaneidade.

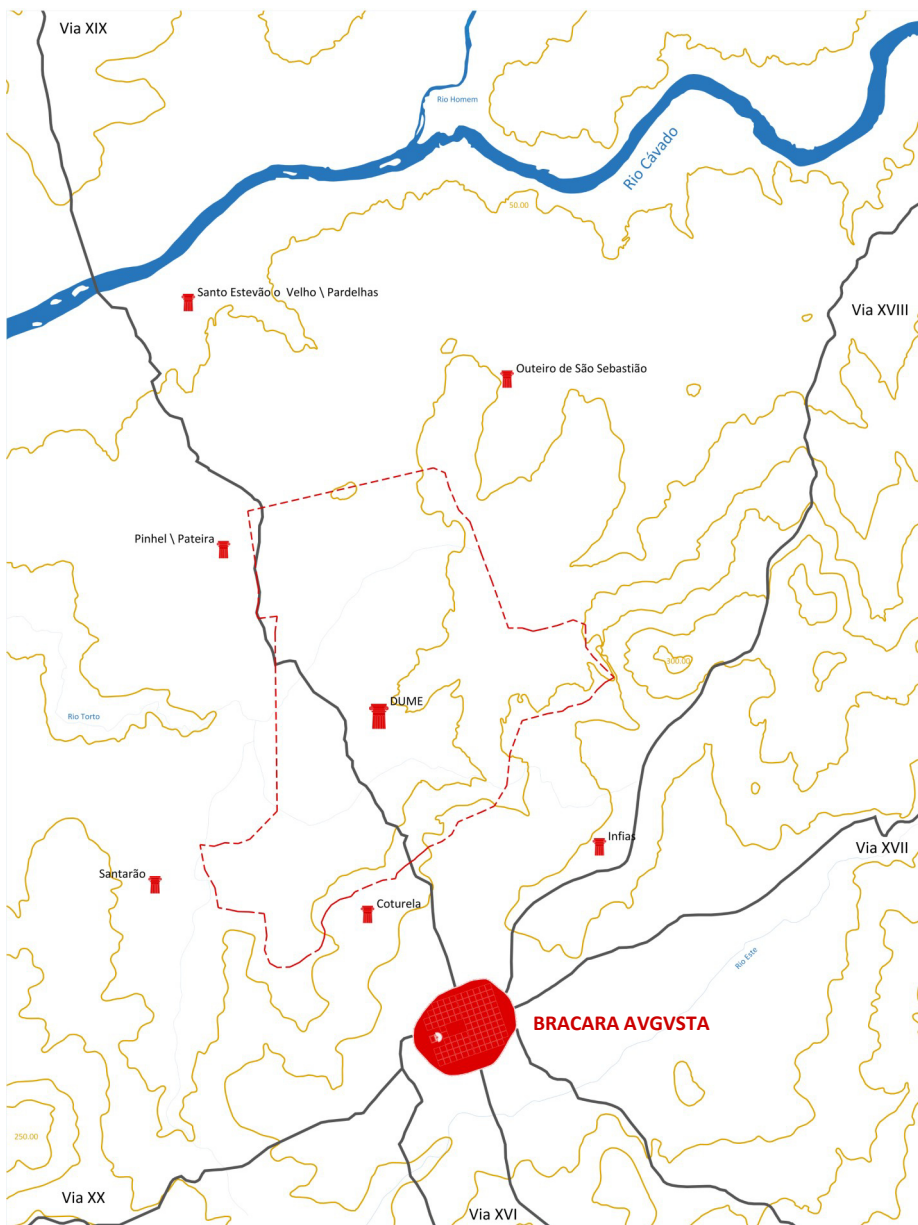
De facto, o espaço entre a cidade e o rio Cávado foi cruzado pela via *Bracara–Asturica*, que ligava Braga a Astorga, por Ponte de Lima e Tui, desenvolvendo-se nas suas proximidades e junto dos solos mais férteis, diversas *villae* e *vici*, como testemunham vestígios arqueológicos em Dume, Palmeira, Merelim e Santo Estêvão o Velho.

A *villa* romana de Dume, fundada no século I, seria propriedade de uma das mais influentes famílias de *Bracara Augusta*, como parece indicar o elevado número de inscrições aí recolhidas, entre as quais se destacam a de *Proculeia Nigrina*, sacerdotisa da Província da Hispania Citerior e a de *Camalus Melgaeci f.*, sacerdote do culto imperial do *conventus* bracaraugustano.

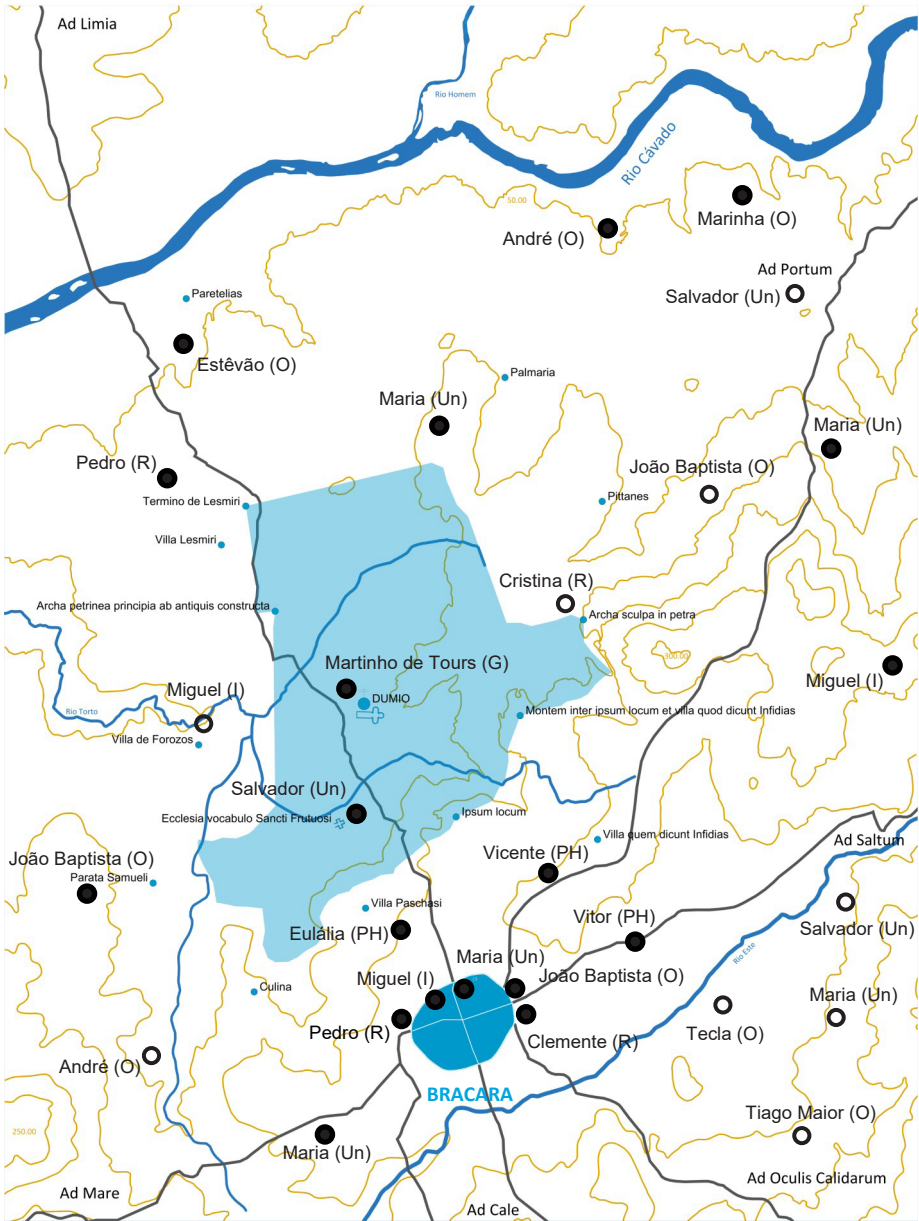
É também em Dume que se conservam os testemunhos materiais da existência de um cadastro romano, na forma de cipos gromáticos (marcos graníticos), os quais se admite estarem relacionados com a propriedade da *villa* romana, que se manteve ocupada até ao século V.

Na sequência da edificação da basílica dedicada a São Martinho de Tours, cerca de 550, a *villa* foi adaptada a mosteiro, aí se instalando S. Martinho Dumense, nomeado bispo pelo monarca suevo.

O domínio fundiário do mosteiro de Dume, cujos limites se documentam em 911 numa doação de Ordonho II da Galiza, ter-se-á perpetuado na atual paróquia de Dume, permanecendo parte dos seus limites sinalizados pelos mesmos marcos de origem romana.



Território de Dume nos séculos I-IV ▲



Os séculos VI e VII são fulcrais para a compreensão dos múltiplos aspetos que caracterizam tanto o fim do domínio romano, como o nascimento dos reinos cristãos altomedievais, constituindo a emergência do Reino Suevo e a ação organizativa da Igreja Bracarense, protagonizada esta por São Martinho de Dume, duas significativas expressões da vitalidade sociocultural das populações do Noroeste Peninsular.

É na periferia urbana de Braga, na qual o território de Dume se inscreve, que melhor se evidencia a nova topografia cristã que a partir de então passou a marcar as transformações da paisagem, pontuada por pequenos aglomerados populacionais, basílicas e mosteiros, articulados com as antigas vias romanas que saíam de Braga e que se mantiveram em uso até finais da Idade Média.

Foi justamente à margem da antiga estrada romana que ligava Bracara Augusta a Lucus Augusti que dois dos mais notáveis bispos de Braga instalaram importantes mosteiros – o de Dume, no século VI, por iniciativa de São Martinho e o de Montélios, no século VII, por iniciativa de São Frutuoso. O primeiro adaptou uma villa romana preexistente, junto à basílica consagrada a S. Martinho de Tours. O segundo, junto ao qual o bispo Frutuoso fez edificar o seu mausoléu, foi consagrado a São Salvador.

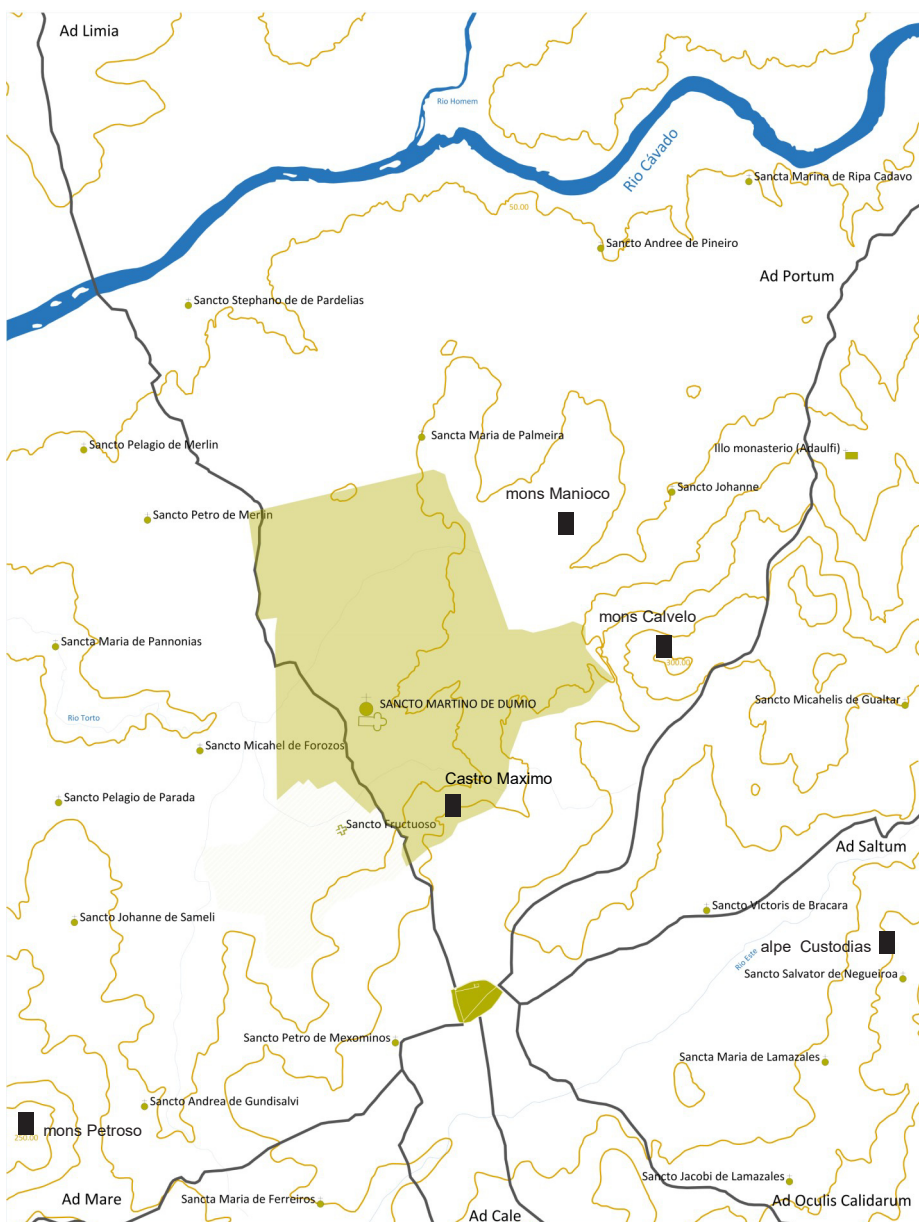


Território de Dume nos sécs. V-VIII e hagiotoponímia anterior às invasões islâmicas. Origem do culto: A-África, G-Gália, H-Hispânia, I-Itália, O-Oriente mediterrânico, R-Roma e Un-festas Universais. Os círculos preenchidos têm vestígios arqueológicos associados.

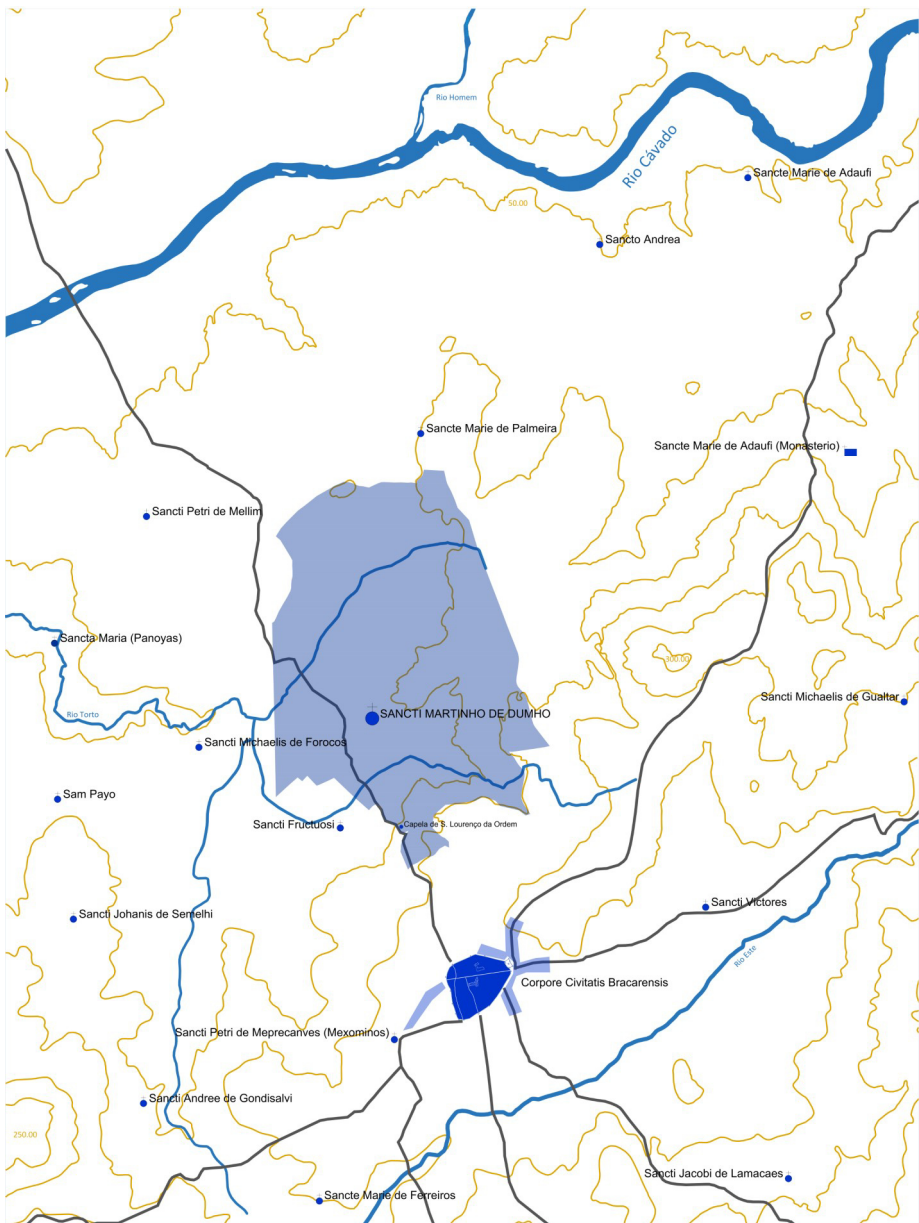
A partir de meados do século IX, com a expansão asturiano-leonesa, o território bracarense conhece um novo enquadramento sociopolítico, “restaurando-se” a cidade de Braga em 873 por Afonso III das Astúrias. Em finais do século XI e inícios do século XII, identifica-se já um povoamento perfeitamente estruturado em torno das paróquias.

É ainda neste período que se desenha uma cintura defensiva em torno da cidade de *Bracara*, protegendo as populações das devastadoras, ainda que episódicas, investidas muçulmanas e/ou normandas e vikings. Essa defesa faz-se com base na rede de *castra/castella* da região, muitos correspondentes a povoados fortificados ‘castrejos’ e outros a fortificações altomedievais. Implantaram-se estrategicamente nas colinas e montes dos relevos que pontuam o território, servindo simultaneamente para acolher as populações do vale e para controlar os mais importantes eixos de circulação viária, ainda as antigas estradas romanas.

Relativamente a Dume sabe-se que, em 866, o bispo dumense Sabarico se transferiu para Mondonhede, na Galiza, devendo datar dessa época a extinção do mosteiro. Em 911, Ordonho II da Galiza mandou delimitar novamente o termo de Dume e confirmou a anterior doação ao bispo de Mondonhede, feita em 877 por Afonso III. Dume viria a ser restituída à diocese de Braga nos princípios do século XII, datando-se deste período a primeira reedificação da sua igreja, a par da implementação do culto do santo dumense.



Território de Dume nos sécs. IX-XII e fortificações (retângulos a negro) ▲



▲ Território de Dume nos sécs. XIII-XV

Nos séculos centrais da Idade Média o povoamento aumenta e dispersa-se, fixando-se novas estruturas territoriais, enquadradas de modo diverso por castelos, mosteiros e igrejas, servidos por uma nova rede viária.

É nesta época que, em Dume como em toda a região do Minho, se consolida a paisagem do minifúndio, suporte de uma policultura intensiva que proporciona tudo o que é necessário à sobrevivência da população.

Entre a cidade de Braga e o rio Cávado relevam a permanência da antiga via romana Bracara / Tude, agora reforçada na passagem do rio Cávado com a construção da poderosa ponte gótica de Prado. À saída da cidade, no limite de Dume, instala-se o hospital de São Lourenço da Ordem para apoio aos leprosos.

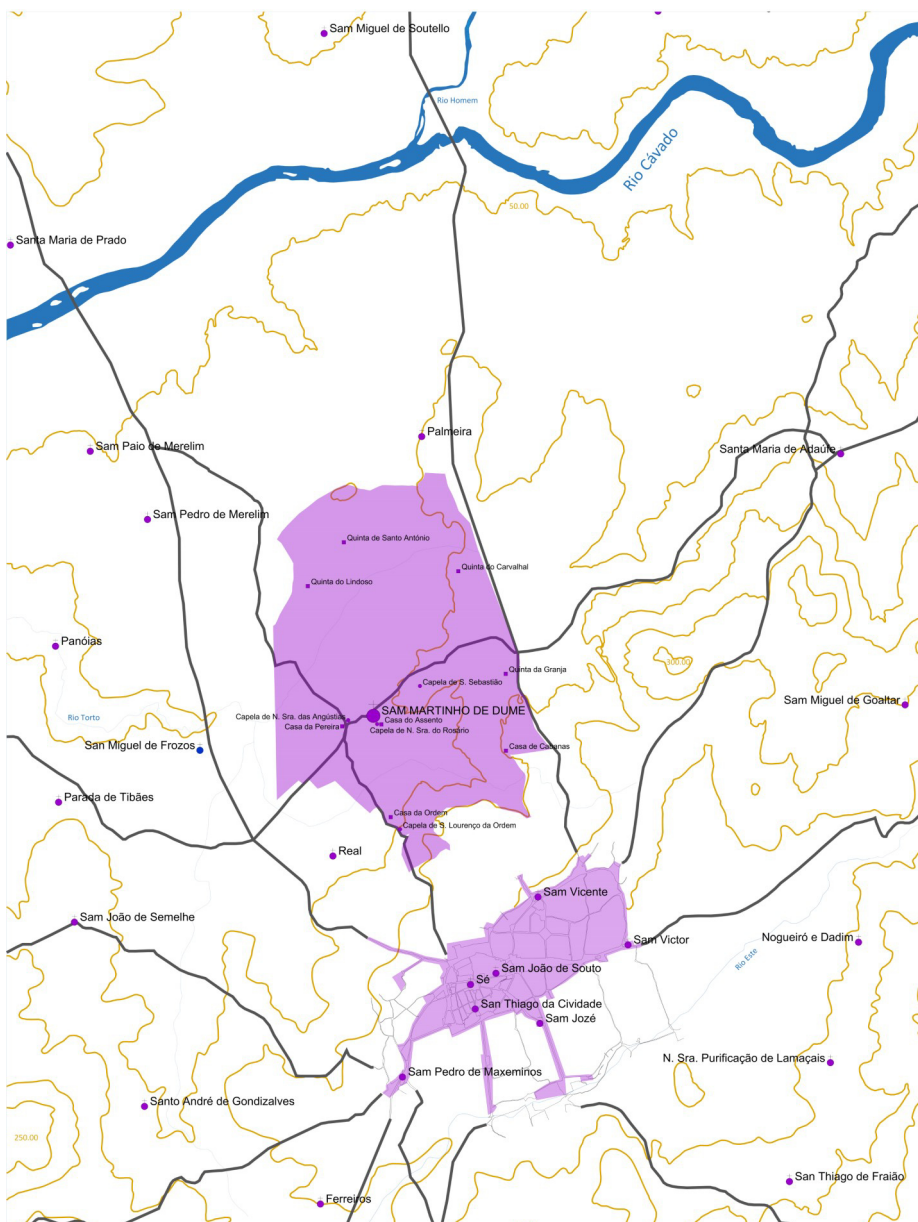


Fachada da capela gótica de São Lourenço da Ordem ▲

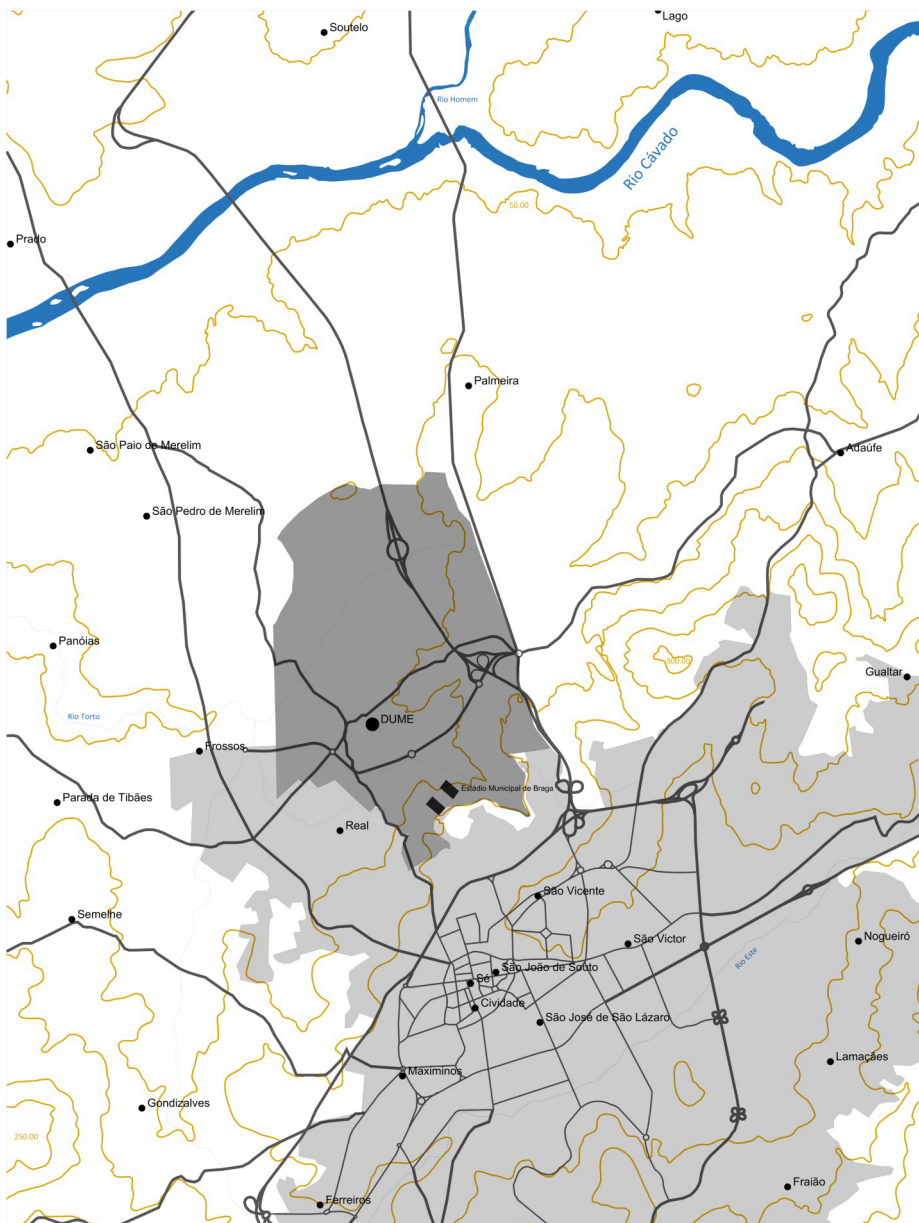
A Idade Moderna assiste à consolidação da estrutura de povoamento fixada nos séculos medievais e, ultrapassadas as crises dos séculos XIV e XV, Dume conhece um relativo aumento da sua população: com aproximadamente 450 habitantes nos inícios do século XVI, passa para os 600 na segunda metade do século XVIII e atinge os 1786 moradores nos finais do século XIX.

Este crescimento está associado a progressos no domínio da saúde, da economia e da sociedade, como refletem as casas, quintas e capelas que então são construídas ou objeto de significativas remodelações. É no século XVIII que se edificam as capelas de S. Sebastião, de N. S. do Rosário, de N. S. da Saúde, de N. S. da Conceição, de S. João Baptista e de N. S. das Angústias, as casas da Pereira, de Cabanas e de Mouquim, e as quintas da Ordem, da Granja, de Santo António e de Lindoso, entre outras.

Em meados do século XIX, Dume acompanha o desenvolvimento da indústria manufatureira de Braga, assinalando-se um expressivo aumento dos fabricantes de pregos (“tachinhas”). Na transição para o século XX, alguns dos seus habitantes emigram para o Brasil, justificando o aparecimento do jornal quinzenário “O Dumense”, publicado em 1904 e 1905, com redação na antiga Rua Nova, atual 1.º de Maio, especialmente destinado à população emigrada no Brasil. Os que regressam bem sucedidos fazem construir palacetes no centro da freguesia, por todos conhecidos como “casas dos brasileiros”.



Território de Dume no séc. XVIII ▲



▲ Território de Dume no início do século XXI

Atualmente, embora parte dos mais de 3000 habitantes de Dume continuem ligados ao sector primário, a maioria distribui-se pela indústria têxtil e de marroquinaria, por outras pequenas indústrias de transformação e ainda pelo comércio e serviços.

Também a paisagem conheceu profundas mudanças, configurando-se agora uma sucessão de espaços urbanos entre espaços agrários. Na última década, Dume tem vindo a afastar-se da definição de espaço rural, pois a rede viária e de transportes públicos, o parque habitacional e os equipamentos sociais conheceram um apreciável crescimento, acompanhando o desenvolvimento da cidade de Braga, em cujo perímetro urbano já se insere.



Estádio Municipal de Braga ▲

RUÍNAS



Arqueológicas



Entre 1987 e 1991, na sequência das obras de ampliação da igreja paroquial de Dume e de restauro da capela de N. S. do Rosário, realizaram-se escavações arqueológicas no subsolo do adro e no interior da igreja e da capela, trabalhos que foram financiados pelo Instituto Português do Património Cultural e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O reconhecimento da importância histórica, cultural e científica do conjunto de vestígios colocados a descoberto, com destaque para as ruínas da basílica e mosteiro do período Suevo, associados a São Martinho de Dume, culminou em 1993 com a sua classificação como Monumento Nacional - Decreto n.º 45/93, de 30-11.

As escavações arqueológicas viriam a prosseguir até à atualidade, já no quadro de um projeto de estudo, conservação e valorização promovido conjuntamente pela Junta de Freguesia de Dume (agora União de Freguesias Real, Dume e Semelhe) e pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sendo a componente de investigação arqueológica integralmente financiada pela Universidade do Minho.

Para além de acrescentar um balneário romano ao conjunto de ruínas arqueológicas de Dume, descoberto no terreno contíguo ao atual cemitério, as escavações permitiram delimitar a área de musealização e informar os projetos de obras do Núcleo Museológico de Dume, elaborados pela Câmara Municipal de Braga e executados com financiamento municipal e de fundos Europeus.

D GURU

-3-12-91

0018588



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

SECRETARIA NACIONAL DE BRAGA
ENTIDADE SECRETARIA
UNIC 24 05.12.91
1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º 8.º 9.º 10.º
11.º 12.º 13.º 14.º 15.º 16.º 17.º 18.º 19.º 20.º

Exm^o Senhor
Presidente da Câmara Municipal
de Braga
4700 BRAGA
Ed. Edmondos e Filhos, Lda
a D. GURU e S. A.
2.º Ed. Edmondos e Filhos, Lda
publicação de edital - 91.12.6
Público Nacional da AFAA
1500 LISBOA

Sua referência Sua comunicação

ASSUNTO: Ruínas Arqueológicas de S. Martinho de Dume (Braga).
Classificação.

resolução da lei (monumento)
para publicação em locais
de interesse e no jornal Correio
do Noroeste 91.12.6
91.12.9

Nos termos dos arts 1º e 2º do Decreto-Lei nº 181/70 de 28 de Abril, e para cumprimento do disposto no artº 3º do mesmo diploma, comunico a V.Exª que, por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura, proferido sobre parecer da 1ª Secção do Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural, foi determinada a classificação como Monumento Nacional das Ruínas Arqueológicas de S. Martinho de Dume, na freguesia de Dume desse Concelho.

A zona abrangida por esta classificação fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os arts 25º a 48º do Decreto nº 20985 de 7 de Março de 1932, do Decreto-Lei nº 28468 de 15 de Fevereiro de 1938, do Decreto nº 38888 de 29 de Agosto de 1952, do Decreto-Lei nº 39600 de 3 de Abril de 1954, da alínea g) do nº 2 do § 1º do artº 19º do Decreto nº 46349 de 22 de Maio de 1965, os arts 14º a 26º da Lei nº 13/85 de 6 de Julho e dos nºs 2 a 8 do artº 4º do Decreto-Lei nº 216/90 de 3 de Julho.

Com os melhores cumprimentos.

O DIRECTOR DO DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

(Fernando C. S. Real)

Remeter fotocópias
à 30P e 3RU
Data 91/12/10
Ao Sr. M. Pedro e Juana de Freguesia
M. 11.11.91

Envie cópia a J. F.
11/12/91

Anexo: modelo do Edital a afixar.

PO/-

TP DE PRESSÃO COM. INC. 201412272
Telebr. 031077-04022-0470706668-047213

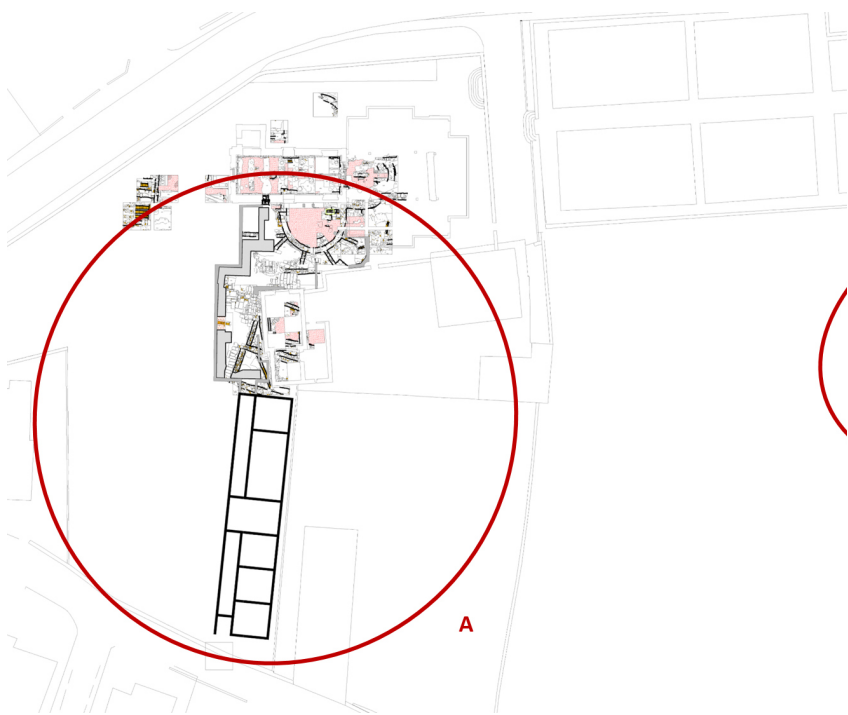
Telex: 637047

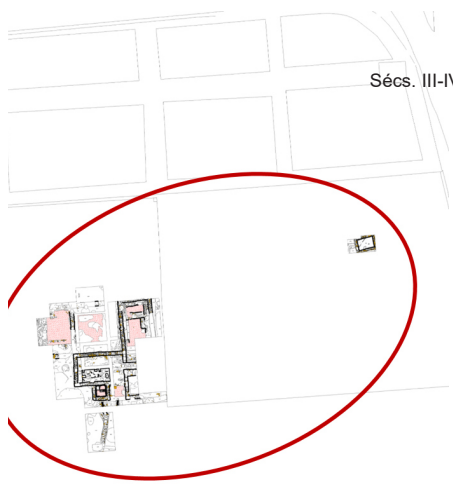
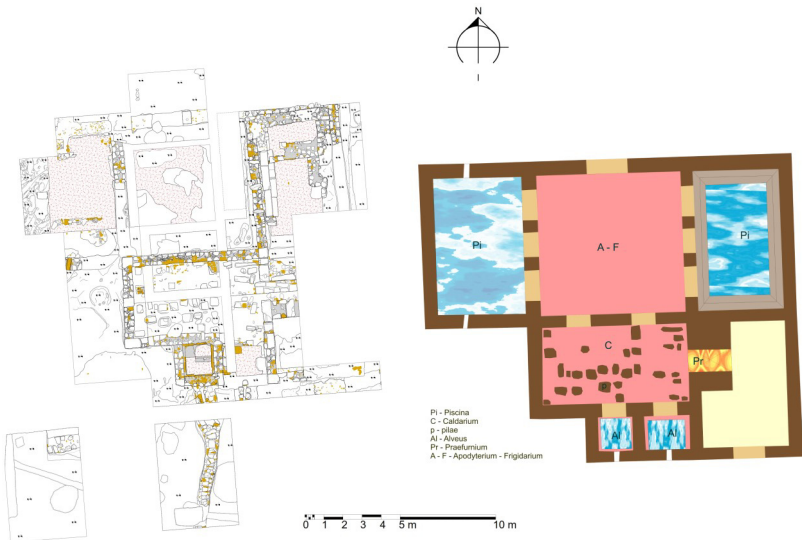
Na resposta, indicar as referências de documento.

A VILLA ROMANA

Os vestígios arqueológicos mais antigos correspondem a parte de uma villa romana fundada nos séculos I-II, que se manteve ocupada até à sua adaptação a mosteiro no século VI.

Até ao momento identificaram-se duas áreas de edificações: uma com orientação ESE-NNO, com compartimentos ortogonais, alguns pavimentados com argamassa tipo opus signinum e parte do sistema hidráulico de abastecimento de água, sob a capela de Nossa Senhora do Rosário e adro da igreja paroquial; outra, distante cerca de 200 m para nascente da





Planta das ruínas do balneário Romano
Sécs. III-IV



Base de coluna, em granito
Sécs. I-IV

B

Planta geral das ruínas arqueológicas de Dume. Sécs. I-V
A - Pars Urbana ?
B - Balnea



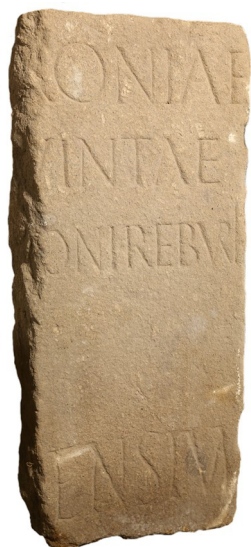
D(is) · M(anibus) · s(acrum)
Pro(culeiae?) · Nigri-
nae · an(norum) · L
flaminica[e]
prouinciaie
Hisp(aniae) · citeri-
or'i's · b(ene) · m(erenti)
h[e]r(edes) · p(osuerunt) ⚡

▲ Epígrafe de *Proculeia Nigrina*
Sécs. II-III



- -]
F(aciendum) · C(uravit)

▲ Dedicatòria
Sécs. I-II



---]
[Ap]roniae
[Q]uintae
[Apr]oni · Reb'ur i
[m]ensi'um'
[---]

▲ Estela de *Apronia Quinta*
Sécs. II-III

Considerando o elevado número de epígrafes romanas aqui recolhidas, na sua quase totalidade provenientes do adro envolvente da igreja, bem como o elevado estatuto social que transparece de algumas delas, como é o caso de *Proculeia Nigrina*, sacerdotisa provincial ou de *Camalus Melgaeci f.*, sacerdote do culto imperial no conventus bracaraugustanus, esta villa seria propriedade de uma importante família de Bracara Augusta, de ascendência indígena.

Genio

[Cae]sar[is]

[---]

Ara dedicada ao Génio de Gaio César
Cronologia: 2-4

Apil[icus?]

Arqu[i f(ilius)]

Mun[itus?]

PERIFV[---]?

[---]?PEN·d[omo?]

)·Acrip[ia]

h(ic)·s(itus)·est

Epígrafe de *Apilicus(?)Munitus(?)Arquif.*
Cronologia: 71-130

[Ca]maļo Meļg[aeci f(ilio)]

d(omo)? B[ra]çara[us] -

gustano

[s]açerdoti

[Ro]mae et Aug(usti) Caesa[ris]

çonuēt[us]

[Br]açaraug[ust(anus)]

Dedicatória a *Camalus Melgaeci f*
Cronologia: 15 a.C. - 30 d.C.

[a]n(norum)·XV

h(ic)·s(it---)·es[t]

Epígrafe de defunto desconhecido
Cronologia: 1- 200

Ioui

[R]epulsori

[F]irmia

[P]usinna

[e]x uoto

[p]osuit

Ara consagrada a Júpiter *Repulsor*
Cronologia: 101-270

[.]? Lucret(ius)

L(uci)·f(ilius)·Quir(ina)

[S]aturnin -

us·et·Q(uintus)? [---]

[---]

EX[---]

[---]

Epígrafe de [.]*Lucretius L. f. Saturnus*
e de indivíduo desconhecido
Cronologia: 71 - 150

O MOSTEIRO SUEVO-VISIGÓTICO

Pouco depois de meados do século VI, parte significativa dos edifícios da pré-existente villa romana de Dume, junto à qual o rei Suevo Charrarico havia construído a basílica dedicada a São Martinho de Tours, foram adaptados a mosteiro, prática, aliás, comum no ocidente europeu.

Para 1º abade-bispo deste mosteiro, o rei nomeou Martinho, posteriormente conhecido por São Martinho de Dume.

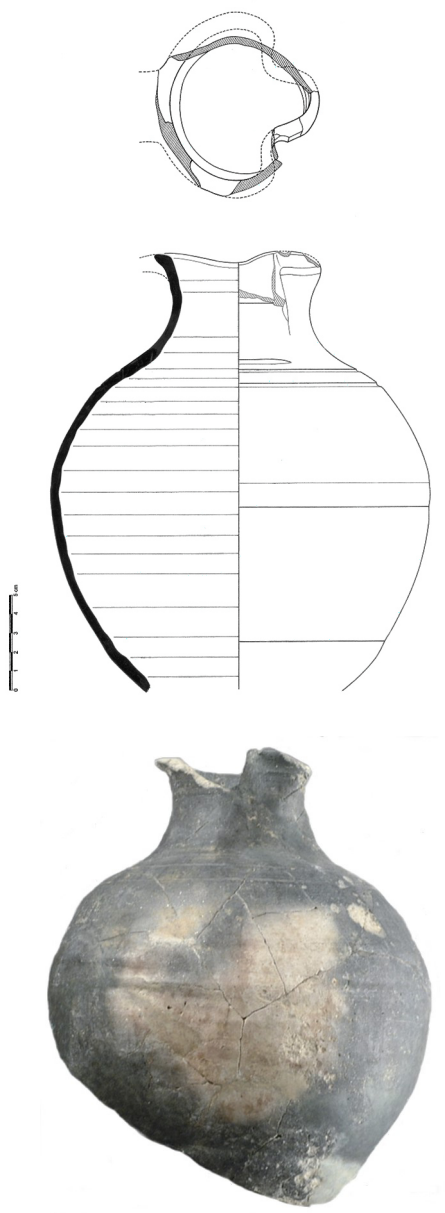
São célebres os versos que terá mandado gravar à entrada do refeitório do mosteiro de Dume, em que, glosando o poeta Sidónio Apolinário, afirma a opção da frugalidade, em contraponto aos luxuosos hábitos gastronómicos das elites, de tradição clássica mediterrânica:

Non hic auratis ornantur prandia fulcris / Assyrius murex nec tibi simma dabit / nec per multiplices abaco splendente gauessas / ponentur nitidae codicis arte dapes / nec scyphus hic dabitur, rutilo cui forte metallo / crustatum stringat tortilis ansa latus / uina mihi non sunt Gazetica Chia Falerna / quaeque Sarapteno palmite missa bibas / sed quidquid tenuis non complet copia mensae / suppleat hoc, petimus, gratia plena tibi.

(in Veloso 1949-1950)

Não se ornamentam aqui as comidas em suportes dourados nem se revestem as mesas com púrpura da Síria, nem te servirão em múltiplos pratos de um aparador resplendente, elaborados com a arte de um receituário. Não terás copos incrustados de ouro, com pega recurvada. Não temos vinhos de Gaza [Palestina], de Quíos [ilha grega no mar Egeu], de Falerno [Campânia, Itália] ou de Sarepta [Sarafand, Líbano], para que bebas. Mas, se a abundância da nossa parca mesa não chegar, pedimos que a graça divina a supra.

(tradução livre)



Bilha/Jarro de cerâmica cinzenta fina. Sécs. V-VI. MDDS:817/95) ▲



▲ Tremisse do rei visigodo Chintila [636-639], proveniente de Dume.
Legenda anverso: +CHINTILAREX
Legenda verso: +PIVSMENTIA

▼ Entrada do piso térreo do mosteiro, com reaproveitamento de elementos arquitetónicos nos degraus.



A adaptação da vila a mosteiro fez-se mantendo a estrutura do edificado, que conheceu algumas reformulações da compartimentação e diversas renovações construtivas com reaproveitamento de materiais pré-existentes.

Sobressai a manutenção do sistema hidráulico de transporte e distribuição de água, que era captada cerca de 1 km a oriente do lugar. Na parte visitável o destaque vai para o pátio da entrada do piso térreo, pavimentado com lajes monolíticas de granito e delimitado pelos tanques de água e para as escadas que davam acesso ao piso superior.

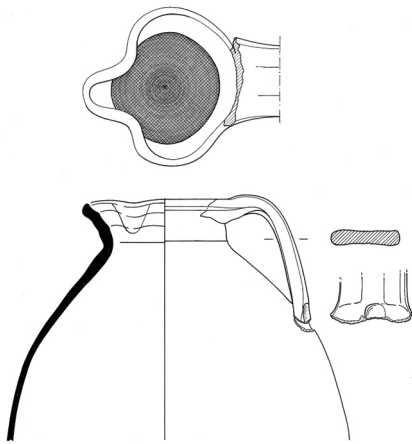




Na fachada do mosteiro, virada a norte, conservaram-se as escadas de acesso ao piso superior.



Cântaro de cerâmica comum. Sécs. VII-IX (MDDS:817/95)



Confirmou-se arqueologicamente a ocupação continuada do mosteiro até ao século IX, o que concorda com as fontes documentais, que registam o seu abandono c. 866, quando o seu abade Sabarico se refugiou em Mondonhedo, no litoral Norte galego.

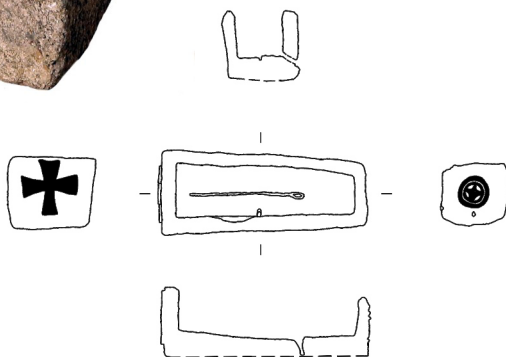
A continuidade de ocupação é igualmente manifesta na necrópole identificada em torno da primitiva igreja, composta por sepulturas isoladas ou agrupadas e que apresentam a característica comum de serem todas de inumação em caixa pétreia bem estruturada, de formato retangular e orientadas Este-Oeste.

Umás são de tijolo, outras em alvenaria e outras ainda em lajes monolíticas, apresentando leitos de terra ou de *tegulae* e coberturas compósitas de lajes graníticas, datáveis dos séculos VI-IX. Nota especial para o facto de se ter identificado, reutilizada como cabeceira comum de três sepulturas, uma tampa de sepultura com mosaico, datável dos séculos V-VI. Conserva-se também um sarcófago monolítico de granito, de caixa trapezoidal com decoração em baixo relevo nos frontais, datável dos séculos VIII-XI.

Em 911, Ordonho II da Galiza manda delimitar novamente o termo de Dume e confirma a anterior doação feita em 877 por Afonso III das Astúrias. O domínio monástico, com cerca de 600 hectares, corresponderá ao *fundus* da antiga *villa* romana, cujos limites, com algumas alterações, se conservaram até aos nossos dias, pois ainda hoje demarcam a atual freguesia de Dume.



▲ Sepulturas no adro, frente à igreja primitiva, com reaproveitamento de tampa com mosaicos. Sécs. VII-IX

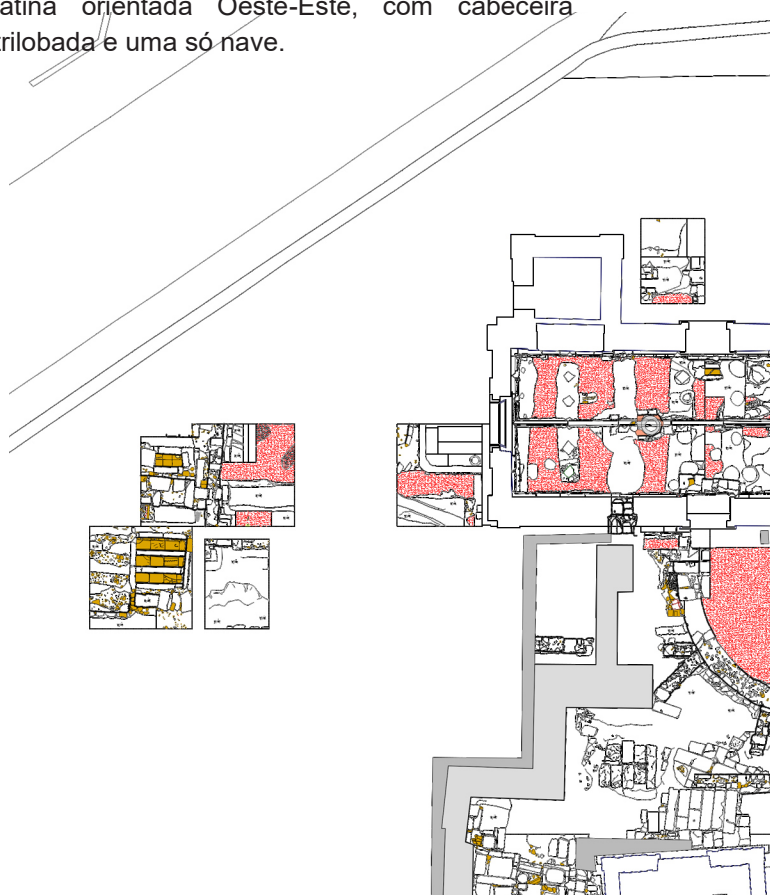


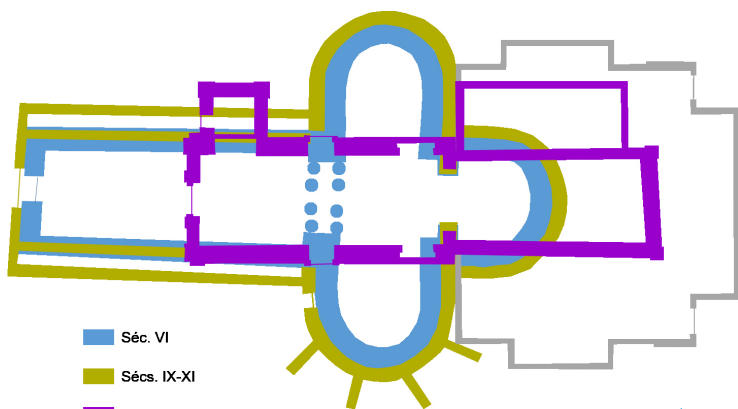
▲ Sarcófago de granito. Sécs. VIII-XI

A BASÍLICA SUEVO-VISIGÓTICA

Os vestígios da basílica sueva estendem-se pelo adro e sob a atual igreja paroquial de Dume, numa área superior a 750 m², tendo-se identificado restos da fachada, da nave, da quadra central e da cabeceira, conseguindo-se reconstituir o traçado global do primitivo templo.

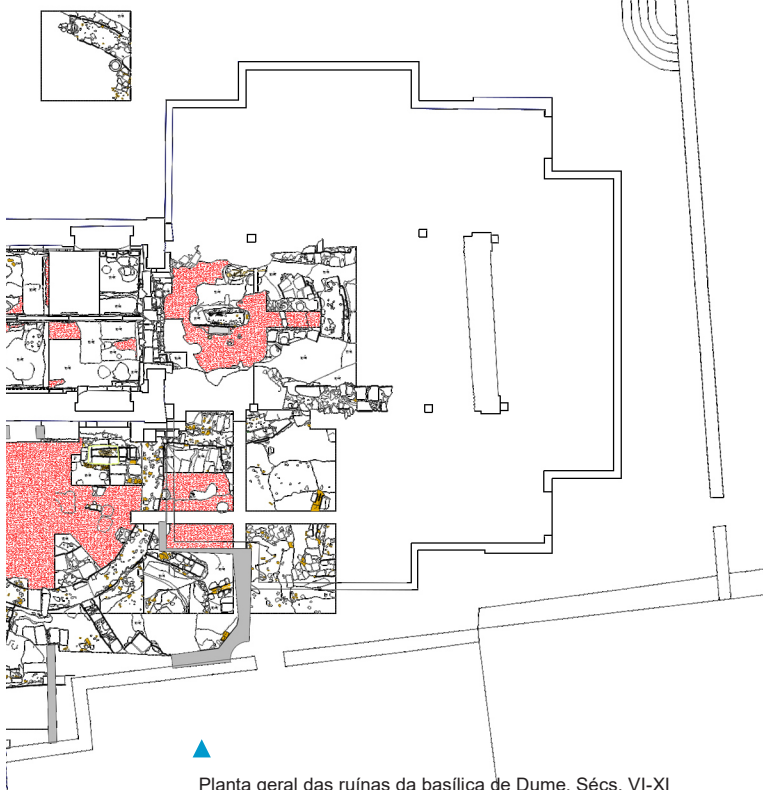
Com 33 metros de comprimento e 21 de largura máximas, o edifício desenha uma planta em cruz latina orientada Oeste-Este, com cabeceira trilobada e uma só nave.





- Séc. VI
- Sécs. IX-XI
- Sécs. XVII-XVIII
- Séc. XX

Interpretação da evolução construtiva da
basílica de Dume



Planta geral das ruínas da basílica de Dume. Sécs. VI-XI

Construído com poderosas paredes de silhares de granito almofadados, este vasto edifício apresenta uma divisão interior de espaços bem estabelecida:

- uma nave retangular, com passagem à quadra central marcada por uma tripla arcatura, formando uma iconostasis de triplo vão;

- uma quadra central, que se elevaria em torre lanterna e que se prolonga lateralmente por duas absides semicirculares;

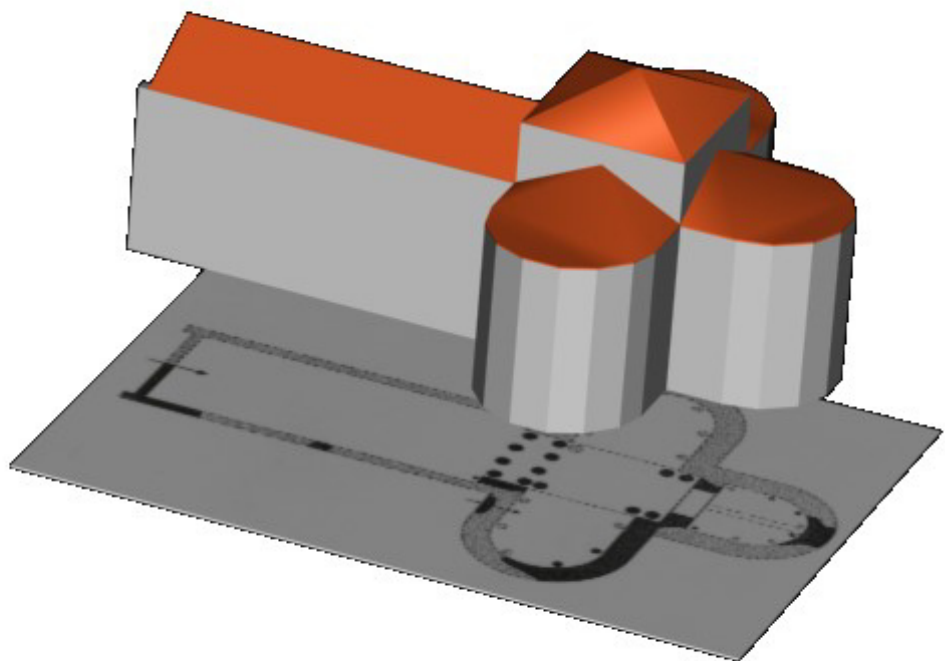
- uma capela-mor também de planta semicircular, mais elevada e à qual se acedia por três degraus, ritmada interiormente por colunas adossadas.

Do ponto de vista da organização litúrgica do espaço, as três áreas testemunham toda a complexidade do serviço litúrgico de época Suévica, correspondente a uma prática de culto em que se separava o santuário e o coro, reservado aos sacerdotes, da zona da nave, reservado aos fiéis, apontando para uma tradição litúrgica cristã com origem no Mediterrâneo oriental, provavelmente bizantina.

A solução planimétrica evidenciada pela basílica de Dume inscreve-se no modelo de igrejas orientais que a partir do século VI se difundiu pelo ocidente europeu. A penetração, precoce, deste modelo na região bracarense parece resultar de uma difusão oriunda do Adriático, via Milão e Ravenna e que aqui poderia ter chegado tanto por via marítima mediterrânica, através das possessões bizantinas, como por via continental, através do reino franco-merovíngio.

Trata-se da basílica mandada edificar pelo rei Suevo Charrarico, c. 550, como voto pela cura do seu filho e consagrada a São Martinho de Tours.

A excecional dimensão do templo, no contexto peninsular, poderá explicar-se por se tratar de uma edificação de iniciativa régia, com a qual se pretendeu afirmar não só o poder suevo, mas igualmente testemunhar, através de uma grandiosa obra arquitetónica, a efetiva conversão do rei e do seu povo ao cristianismo católico.



Proposta de restituição volumétrica da basílica de Dume no séc. VI ▲

Da decoração arquitetónica praticamente nada se encontrou. Os raros elementos arquitetónicos que poderiam ter feito parte da edificação sueva ostentam formas ou temáticas decorativas características das artes pré-românicas do Noroeste Peninsular.

Assemelham-se a produções datadas, noutros monumentos, dos séculos V-VIII: um fragmento de cancela, em mármore, com decoração vegetalista; um fragmento de friso com decoração geométrica de losangos, em calcário; e um fragmento de grelha de gelosia, também em calcário.



Tegula e ímbrice que compunham a cobertura telhada do mosteiro de Dume.



Fragmento de gelosia, em calcário. Séc. VI-VIII ▲



Fragmento de cancela, em mármore. Séc. VI-VII ▲

Uma imposta granítica, decorada com motivo em espinha e roseta, incorporada no alicerce da igreja dos séculos XVII-XVIII, poderá ser de cronologia mais avançada, eventualmente associável à reconstrução da igreja de Dume ocorrida entre os séculos IX e XI. ▶

Feita a *fundamentis*, a reedificação do templo foi também uma ampliação. As novas paredes ergueram-se contra a face externa das paredes do edifício primitivo, determinando assim a manutenção da planta anterior com cabeceira trilobada e uma só nave, naturalmente agora de maiores dimensões - 35 metros de comprimento





A manutenção do traçado geral da planta foi, porém, o único elemento anterior que permaneceu. A nova construção foi feita com paredes mais estreitas, medindo 0,80 metros de espessura, reforçando-se exteriormente a abside meridional com quatro muretes/contrafortes, dispostos radialmente a partir do topo da abside.



Pormenor do adossamento das paredes dos séculos VI e IX-XI na abside sul



Interiormente, a organização do espaço conheceu também alterações significativas. Os restos do primitivo templo foram completamente cobertos por espesso pavimento argamassado, tipo *opus signinum*, anulando-se todas as teorias de arcaturas anteriores.

Na capela-mor, que se conservou sobrelevada em relação ao resto do edifício, identificaram-se restos de assentamento de altares de diferentes tipologias. Ao centro encontrou-se parte de um rebaixamento/encaixe no pavimento, rebocado com estuque granuloso.



Perspetiva geral do piso da capela-mor da antiga basílica ▲

Poderá tratar-se do embasamento de um altar que, num primeiro momento seria do tipo cipo ou caixa, assentando no encaixe aberto no pavimento, e que posteriormente terá sofrido alterações - uma moeda de D. João I recolhida numa das cavidades que ladeiam o encaixe, situam essas alterações nos princípios do século XV (1409-1415), antes ainda das perturbações que, na segunda metade do século XVI, a trasladação das supostas relíquias de São Martinho de Dume causou nesta parte da igreja.



TÚMULO DE



São Martinho

“(...) [o Arcebispo D. Frei Agostinho de Castro] no dia 5 de Fevereiro do anno de 1591 pelas duas horas da tarde (...) entra na Igreja de Dume acompanhado do Bispo de Fez, do Deão, e de dois Conegos, manda derribar o Altar maior, e acha huma arca de marmore semelhante ao de Estremoz, de dez palmos de comprimento com figuras, em relevo, dos doze Apostolos, e no alto em meio a Santissima Trindade, e nos quatro angulos os symbolos dos quatro Evangelistas Anjo, Aguia, Leão e Touro (...) Chama o Prelado os homens mais velhos para reconhecerem o Sepulchro: e todos depozerão com juramento ser o mesmo, que tinha estado sobre as duas columnas venerado do povo, e visitado dos Principes, como sepulchro de S. Martinho. (...) apenas se levantou a pedra, que cobria as sagradas relíquias, exhalarão tão suave cheiro, que a todos os circumstantes fez romper em aclamações; (...) Estava a cabeça do Santo no seu lugar posto que partida em alguns pedaços, e junto della quatro dentes; estavam os mais ossos perfeitamente conservados, e só faltava huma das túbias. Prostrão-se logo por terra, e com terna devoção beijão os sagrados ossos o Prelado, e o Bispo de Fez, a que se seguio a Nobreza, Sacerdotes e todo o povo (...) que continuava a concorrer da Cidade, e Lugares circumvizinhos, tanto que as vozes, e os sinos divulgarão a fortuna do bom achado: (...) acabando-se o dia cuidou o Arcebispo em que se recolhessem as santas reliquias a hum caixão, forrado de rica seda; e sendo este cerrado, (...) foi conduzido em solemne procissão, com musica de vozes, e instrumentos até á Igreja do Mosteiro de S. Fructuoso (...) emquanto na Cathedral se preparava com a devida decência huma Capella (...) para depositar o Corpo do Santo. (...)”.

*In Vida e Opusculos de S. Martinho Bracarense,
Lisboa, 1803.*

Com a reconstrução da igreja paroquial de Dume nos finais do século XVII, o túmulo ficou exposto num arcosólio, na parede do lado da Epístola da capela-mor. Foi daí que foi retirado para Braga, nos inícios do século XX, sendo mostrado ocasionalmente em algumas exposições, designadamente na Real Academia das Artes, em Londres, em 1955-56; no *Festival Europalia Portugal 91*, em Gand, 1991-92 e na exposição *Nos Confins da Idade Média*, no Porto, em 1992.

Durante décadas arrecadado em dependências diversas, na cidade de Braga, na perspetiva de vir a integrar o núcleo expositivo do Museu D. Diogo de Sousa, foi objeto de várias intervenções de restauro, a mais significativa das quais efetuada em 1982, no Museu Monográfico de Conímbriga, a qual assegurou a preservação de todos os fragmentos e a estabilização do monumento.

Em 2006, a fim de preparar a sua transladação para a paróquia de Dume, o Museu D. Diogo de Sousa procedeu a trabalhos de limpeza, consolidação e restauro, efetuando ainda uma cópia para a sua exposição permanente.



Reintegração cromática e limpeza da tampa (Foto MDDS)

Culminando um longo processo de petições e requerimentos, em 20 de Novembro de 1982 o Secretário de Estado da Cultura determinou que se procedesse à instalação do túmulo de São Martinho de Dume na sua paróquia.

Para o efeito aqui se construiu de raiz, com financiamento do Município de Braga, um edifício para albergar o túmulo e para funcionar como centro de receção ao Núcleo Museológico de Dume.

Finalmente, em 2006, a 6 de Agosto, dia da festa litúrgica de São Martinho de Dume, a população de Dume celebrou o retorno do Túmulo dito de São Martinho à 'sua terra'.



VOZ DE DUME

JORNAL DE INFORMAÇÃO RELIGIOSA E CULTURAL DA PARÓQUIA DE S. MARTINHO DE DUME

Editor e Editor Responsável Técnico	Assessor de Comunicação Responsável Técnico	Correspondentes Responsáveis Técnicos	ISSN 1120-3722 Criação: 1998
--	--	--	---------------------------------

Preparação e Anejo da Festa

Tudo se arrastou desde que os meses de preparação começaram. E a celebração da festa é sempre realizada em condições de máxima comodidade e segurança para todos os presentes. Também se tem em conta a possibilidade de estacionamento das viaturas que se deslocam para a festa. Para isso, foram colocados vários autocarros para transportar os visitantes. Também se tem em conta a possibilidade de estacionamento das viaturas que se deslocam para a festa. Para isso, foram colocados vários autocarros para transportar os visitantes. Também se tem em conta a possibilidade de estacionamento das viaturas que se deslocam para a festa. Para isso, foram colocados vários autocarros para transportar os visitantes.

Túmulo regressa a Dume após 87 anos de exílio

Por um longo e árduo trabalho, o túmulo regressa a Dume após 87 anos de exílio. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863.

Em 1950, o túmulo foi encontrado em São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863.

Festa do Sagrado Coração de Jesus e Jubileu das Almas

Realiza-se nesta paróquia, de 11 de Novembro, a Festa do Sagrado Coração de Jesus e Jubileu das Almas. A festa é organizada pela Comissão de Fé e Vida da Paróquia de S. Martinho de Dume, com o apoio da Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus e do Jubileu das Almas.

Programa: dia 11, Festa do Sagrado Coração de Jesus, às 19h, Missa eucarística, pelo Grupo Coral, às 19h30, celebração do jubileu das almas.

Túmulo regressa a Dume após 87 anos de exílio

(Continuação de 1.º pag.)

O túmulo regressa a Dume após 87 anos de exílio. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863.



Em 1950, o túmulo foi encontrado em São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863.

O túmulo regressa a Dume após 87 anos de exílio. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863. O túmulo foi encontrado em 1950, no município de São Paulo, Brasil, onde se encontrava desde a sua saída de Dume em 1863.



A generalidade dos investigadores aceita que Martinho de Dume é oriundo da Panónia (atual Hungria), tendo vivido entre os anos 518 e 579. Chegou à *Gallaecia* cerca de 550, instalando-se em Dume, onde fundou um mosteiro, junto à basílica consagrada a São Martinho de Tours.

Nomeado bispo de Dume, São Martinho organizou a conversão dos Suevos ao cristianismo e, para além de ser considerado o principal agente da sua difusão na Galécia, foi o mentor e protagonista da reorganização territorial-administrativa da Igreja no Noroeste Peninsular, que se fixa com a *Divisio Theodomiri* - documento vulgarmente conhecido por 'Paroquial Suevo'.

Bispo de Braga a partir de 569 e metropolitano da Galécia, 'Apóstolo dos Suevos' e organizador da Igreja Bracarense, São Martinho era considerado pelos seus contemporâneos como um dos homens mais cultos do seu tempo. Suporte dessa cultura era com certeza o *scriptorium* de tradutores que instituiu no mosteiro de Dume.

Das suas obras, destacam-se o *De Correctione Rusticorum* (sermão catequético), a *Formula Vita Honestae* (tratado de moral) e os *Capitula Martini* (complemento das disposições disciplinares do II concílio de Braga).

Falecido em 20 de Março de 579, São Martinho de Dume é, por proclamação da Santa Sé, *Patronus aequae Principalis Archidiocesis Bracarensis* - Patrono Principal da Arquidiocese de Braga.



▲ São Martinho de Dume. Códice Albeldense, c.976

O sarcófago onde terá estado sepultado São Martinho de Dume é composto por duas peças de calcário (pedra de Ançã, região de Coimbra): uma arca tumular com cavidade interior antropomórfica, com o lateral direito decorado em baixo-relevo; e uma tampa ligeiramente trapezoidal, com a face superior também decorada em baixo-relevo.



▲ Tampa: 2,13 metros de comprimento máximo, 0,71 metros de largura no lado direito e 0,625 metros de largura no lado esquerdo; espessura média de 0,095 metros.

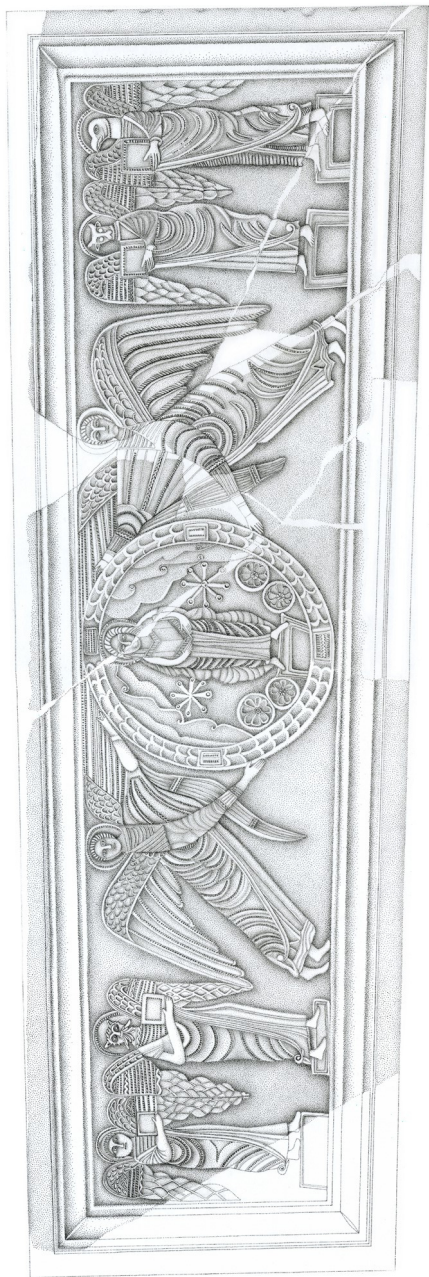


Os vários autores que têm estudado o monumento propõem cronologias que oscilam entre finais do século VI e inícios do século XII. Todos admitem que as duas peças formariam originalmente um conjunto unitário, coerente em termos da simbologia das figurações esculpidas na arca tumular e na tampa.

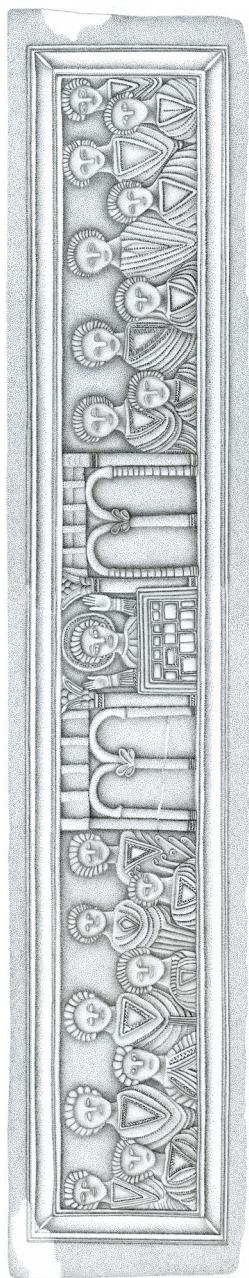


Arca tumular: 2,06 metros de comprimento máximo, 0,67 metros de largura na cabeceira e 0,575 metros de largura nos pés; altura máxima de 0,395 metros





Na face superior da tampa domina um medalhão central desenhado por uma coroa de louros, que abriga a representação de Cristo, em pé sobre um pequeno banco, com um livro nas mãos e nimbado, entre nuvens. Este medalhão parece transportado pelos dois anjos alados que o ladeiam e que parecem voar. A cena, que se identifica com a representação simbólica do Advento do Senhor, completa-se com a representação do tetramorfo (os quatro Evangelistas), dois de cada lado da figura central, sobre banquinhos, alados e vestidos com túnica e manto e cabeça de animal. À esquerda de Cristo estão São Lucas, com cabeça de touro e São João, com cabeça de águia; à direita estão São Marcos, com cabeça de leão e São Mateus, com cabeça de homem.



No lado direito da arca tumular, lado que deveria ficar exposto, foi esculpida uma cena composta por um personagem central nimbado, em posição de oração por detrás de um altar com frontal reticulado, por sua vez enquadrada no arco central de um edifício com mais dois pares de arcos menores e cobertura telhada. De cada lado da figuração central distribuem-se nove personagens, quatro no primeiro plano e cinco em segundo plano, vestidos com roupagens pregueadas, de mangas largas, que aparentam ser casualas.

Desenhos: MDDS/1991

Bibliografia

Alarcão, A. (1978) - “Os restauros do sarcófago de S. Martinho de Dume”, *Minia*, 2.^a Série, 1, Aspa, Braga, pp.5-19.

Andrade, Francisco (2015). *Arquitetura e paisagem monásticas no território bracarense: O caso de Dume (S. Martinho)*, Tese de Mestrado apresentada à Universidade do Minho, ICS, Braga.

Brandão, Frei C. (1803). *Vida e opúsculos de S. Martinho Bracarense*, Academia Real das Ciências, Lisboa.

Costa, A. (1997). *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, vol. 1, (2.^a ed.), Irmandade de São Bento da Porta Aberta, Braga.

Feio, A. (1953-54). “A Arte da Alta Idade Média no distrito de Braga”, *Bracara Augusta*, 5, Câmara Municipal de Braga, Braga, pp.61-78.

Fontes, L. (1991-92). “Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92”, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, UAUM-MDDS, Braga, pp. 199-230.

Fontes, L. (2006). *A Basílica Sueva de Dume e o Túmulo dito de São Martinho*, Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho: Braga.

Fontes, L. (2008). “A igreja sueva de São Martinho de Dume. Arquitetura cristã antiga de Braga e na Antiguidade Tardia do Noroeste de Portugal”. *Revista de História da Arte*, 6, FCG / UNL, Lisboa, pp.162-181.

Fontes, L. (2009). “O Período Suévico e Visigótico e o Papel da Igreja na Organização do Território”, in **Minho. Traços de Identidade**, (coord. Paulo Pereira), Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga, pp.272-295.

Fontes, L. (2015). Powers, Territories and Architecture in Northwest Portugal: An approach to the Christian landscapes of Braga between fifth and eleventh centuries, in **Churches and Social Power in Early Medieval Europe: Integrating Archaeological and Historical approaches, 400-1100 AD** (J. C. Sánchez-Pardo and M. Shapland eds.), University of Chester, Brepols Publishers, pp. 231-247.

Gaillard, G. (1955-56) - “Deux sculptures funéraires provenant de Saint Martin de Dume”, **Bracara Augusta**, 6-7, pp.63-73.

Maciel, M. (1996). **Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal**, Lisboa.

Monteiro, M. (1980). “L’Art Pré-Roman au Portugal”, **Dispersos**, Aspa, Braga, pp.400-417.

Schlunk, H. (1968) - “Ein Sarkophag aus Dume im Museum in Braga”, **Madriдер Mitteilungen**, 9, Madrid, pp. 424-458.

Silva, M. (1919). **Dume e o seu primeiro Bispo**, Póvoa de Varzim.

Cronologia Breve

2017 - Inauguração do núcleo de ruínas arqueológicas do adro da igreja.

2006 - Túmulo de São Martinho de Dume é devolvido à paróquia, inaugurando-se novo edifício para o acolher.

2004 - Novo Estádio Municipal de Braga.

1992 - Ampliação da igreja paroquial.

1987 - Iniciam-se as escavações arqueológicas.

1909 - Túmulo de São Martinho de Dume é transferido para Braga.

1904 - Começa a publicar-se o jornal quinzenário “O Dumicense”.

1ª metade do séc. XVIII - Ampliação da igreja paroquial (capela-mor, sacristia e campanário).

1758 - As ‘Memórias Paroquiais’ registam Dume com cerca de 600 habitantes.

1708 - É construído o alpendre monumental da capela de São Lourenço da Ordem.

Século XVII - Reconstrução total da igreja paroquial.

1591/1606 - As relíquias de São Martinho de Dume são trasladadas para a Sé de Braga, por iniciativa do arcebispo Frei Agostinho de Jesus.

1527 - No “Numeramento” ordenado por D. João III, registam-se 87 moradores em Dume (cerca de 450 habitantes).

1502 - Dume recebe a visita do rei D. Manuel I, em peregrinação a Compostela.

Séculos XIII-XIV - É construída a capela de São Lourenço da Ordem.

1103 - O território de Dume é restituído à diocese de Braga, constituindo-se como paróquia.

Finais séc. XI - Dume aparece registado no “Censual do Bispo D. Pedro”, pagando um *jantar* de renda.

911 - O rei Ordonho II, da Galiza, delimita o termo do mosteiro de Dume.

866 - O bispo dumense Sabarico transfere-se para Mondonhedeo, no litoral norte da Galiza, fundando aí uma nova diocese.

665 - Frutuoso, bispo de Braga e Dume, edifica o seu mausoléu junto do mosteiro de São Salvador de Montélios, que havia fundado no termo de Dume.

579 - Falecimento de Martinho, bispo de Braga e Dume.

572 - 2º Concílio de Braga, presidido pelo bispo Martinho de Braga e Dume.

c. 569 - É elaborada a *Divisio Theodomiri*, documento mais conhecido por “Paroquial Suevo”, no qual se listam as 13 dioceses e 134 ‘paróquias’ do Reino Suevo.

561-63 - 1º Concílio de Braga, presidido pelo bispo Martinho de Braga e Dume.

556 - Martinho é nomeado bispo de Dume, adaptando a antiga *villa* romana a mosteiro.

550 - O rei suevo Charrarico manda edificar a basílica de Dume.

Sécs. III-IV - Construção de balneário na *villa* romana de Dume.

Séc. I - Fundação da *villa* romana de Dume.

